

Itamar deseja que Brasil seja mais justo socialmente

O presidente Itamar Franco divulgou ontem uma mensagem de Natal, na qual deseja que o Brasil se

torne um País mais justo socialmente. "Este é um momento feliz e aqui nos lembramos dos menos afortunados, na certeza de que com fé e esperança buscaremos um Brasil de mais

equidade social", afirmou Itamar. Na nota de uma página, escrita à mão, o presidente diz que ora a Deus para que Ele conceda a todo o povo brasileiro "a alegria de um Natal cristão, repleto de felicidade, esquecido de mágoas". Logo no início da texto, Itamar manda um abraço fraterno "à família brasileira".



A falta de pavimentação na área dos bares é uma das reclamações dos comerciais

Bares perdem com abandono da Prefeitura

Falta de pavimentação e urbanização, além da inexistência de uma coleta de lixo regular e limpeza da praia. Estas são as principais queixas dos proprietários dos 20 bares existentes na outrora bem frequentada Praia dos Artistas, na Coroa do Melo. Segundo os comerciantes, o local encontra-se abandonado pelo poder público. "Isso afasta o cliente que além de enfrentar o pó e a lama, acaba gripando", queixava-se ontem Pedro Rielli, dono do bar Ponta do Mar, ao reclamar da falta de pavimentação. (Página 5A)

Orçamento de 95 sofrerá cortes

PMA inicia "caça" aos sonegadores

A Prefeitura de Aracaju iniciou uma verdadeira operação de "caça" aos sonegadores e fraudadores de impostos do município. O trabalho vem sendo feito em conjunto com a Secretaria da Receita Federal, fruto de convênio assinado entre o órgão e a Secretaria Municipal de Finanças.

Segundo o secretário de Finanças da Prefeitura, Fernando Soares da Mota, com a operação, a administração municipal, espera "premiar os bons pagadores e punir aqueles que sonegam e fraudam impostos", com prejuízos para os cofres do município e para a população. O convênio técnico-fiscal entre a PMA e a Receita Federal permitirá, por exemplo, o cruzamento de informações sobre os contribuintes, pessoas físicas e jurídicas do município, conforme explicou ainda o secretário de Finanças. A ação conjunta também permitirá a uniformização e atualização de dados dos contribuintes.



Enquanto para a maioria dos brasileiros o Natal, que simboliza o nascimento do Menino Jesus Cristo, é reverenciado com muita festa, distribuição de presentes e fartas ceias, uma expressiva parcela da população não tem o que comemorar. São homens, mulheres e crianças que, em consequência do quadro de injustiças sociais que permeia por este Brasil afora, hoje estão marginalizados, sem um teto para morar ou mesmo ter o que comer. Espalhados pelas esquinas, muitas vezes passam despercebidos. As crianças sequer foi dado o direito de sonhar um dos mais sublimes sonhos da infância, o de ganhar, por mais simples que seja, um presente do Papai Noel.

O futuro ministro do Planejamento, deputado José Serra (PS-DB-SP), confirmou que o governo fará cortes no Orçamento de 1995. Até o final de janeiro, as linhas da mudança orçamentária estarão definidas, anunciou ele, ressaltando que o Orçamento aprovado esta semana pelo Congresso ainda não recebeu a sanção do presidente Itamar Franco. O aval deverá ser dado pelo presidente eleito, Fernando Henrique Cardoso, a quem Serra convenceu a promover os cortes e contingenciar o Orçamento, para evitar um déficit de aproximadamente R\$ 9 bilhões.

A questão do montante é discutível, o que importa é que vamos promover medidas para cortar os

gastos públicos', disse José Serra, ao sair da casa do presidente eleito, no Lago Sul de Brasília. Ele descartou a criação de novos impostos ou aumento de alíquotas como forma de combate ao déficit. 'Vamos melhorar a arrecadação, buscando mais eficiência, conter gastos e acelerar o processo de privatização', garantiu. O corte de gastos é a primeira medida amarga do futuro governo, mas Serra não a considera impopular.

'Não vejo impopularidade em não se gastar um dinheiro que não existe', afirmou. 'Cortar significa transformar o Orçamento em uma peça mais realista, retirar dele a fumaça que sufoca a economia brasileira e não ajuda o País em nada'.

Operação da Sunab resulta em autuação de 25 lojas

Pelo menos 25 lojas do comércio de Aracaju já foram autuadas até agora pela Delegacia Regional da Sunab, que desde o início do mês vem desenvolvendo a operação "Dezembro Real". Segundo a delegada do órgão, Heloisa Aquino, a principal irregularidade detectada pelos fiscais da Sunab está relacionada ao descumprimento das normas de comercialização, como a que obriga os co-

merciantes a colocarem em locais visíveis aos consumidores os preços e as taxas de juros dos produtos expostos à venda. Outros comerciantes, conforme ainda a delegada da Sunab, foram autuados depois de flagrados praticando aumentos abusivos de preços contrários às metas de estabilização da economia definidas pelo Governo com a implantação do Plano Real. (Página 4A)

Viajar de avião fica muito difícil

Viajar de avião nos próximos 30 dias vai ser muito difícil para quem não reservou passagens com uma boa antecedência. A demanda de passagens aéreas em Aracaju cresceu significativamente e para conseguir uma vaga num dos voos que diariamente saem do Aeroporto Santa Maria, só aguardando numa lista de espera ou a desistência de alguma reserva. (Página 5A)

Governo vai reformular a tributação de aplicações

As primeiras medidas econômicas que refletirão de imediato no futuro governo começam a ser implantadas esta semana. Trata-se da reformulação do imposto de renda. O

ambiente de inflação baixa tornou onerosa a tributação das aplicações financeiras, que passarão por uma revolução. O governo passará a tributar o ganho nominal e as alíquotas serão reduzidas.

Ainda existem divergências entre a Receita Federal e o Banco Central em relação às novas alíquotas. A Receita defende alíquotas em torno de 15% e o BC quer que sejam inferiores a 10%. Existem propostas para adotar um limite de isenção para aplicações em bolsas de valores e outras, específicas do BC, alterando a atual estrutura dos Fundos Mútuos de Investimento. A idéia é flexibilizar a carteira destes Fundos, submetidas

atualmente a uma rigorosa norma do BC.

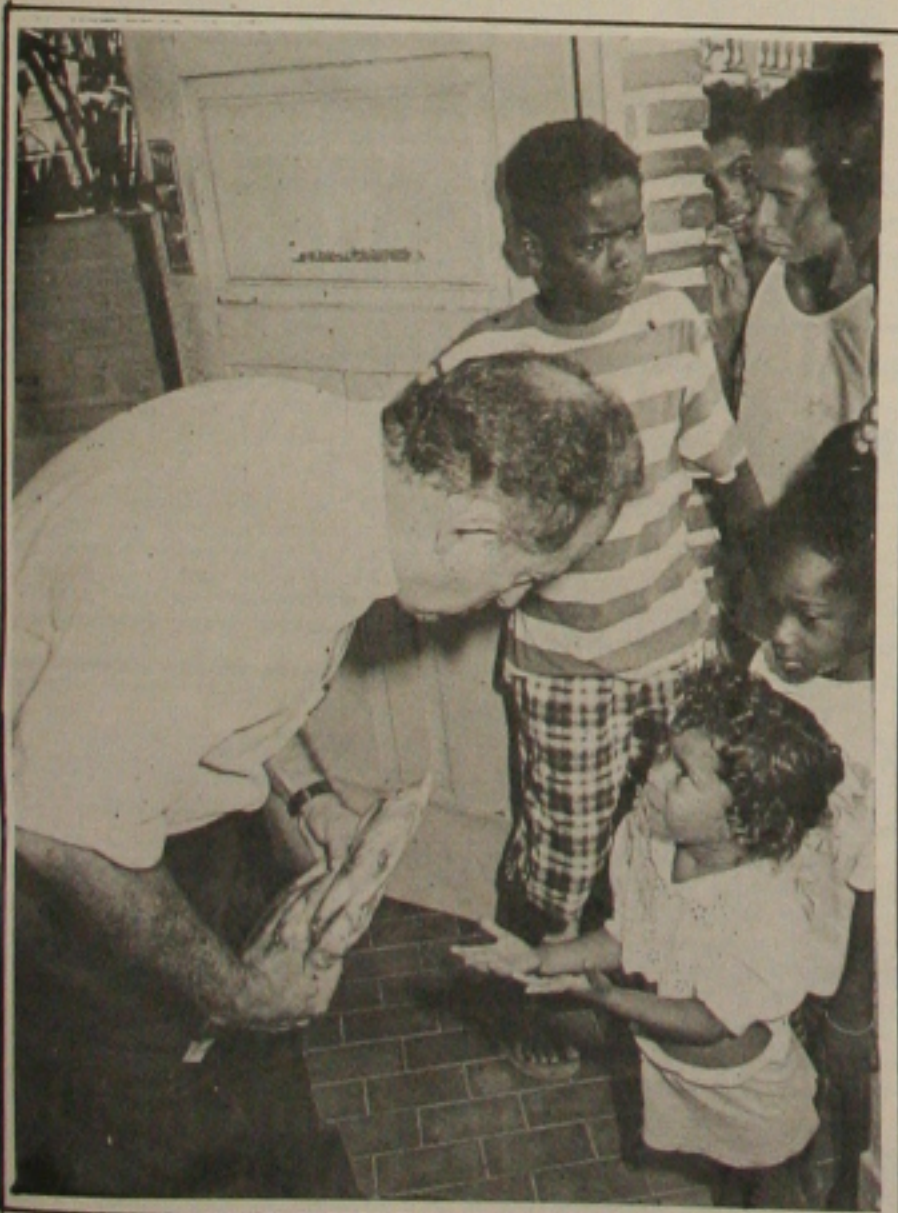
Os problemas não estão apenas na questão tributária e de ritmo acelerado ou não para a desindexação total da economia. O futuro ministro do Planejamento, José Serra, terá de se debruçar sobre o Orçamento da União, aprovado esta semana no Congresso, e encontrar uma forma de acabar o déficit potencial de até R\$ 11 bilhões.

Movimento é intenso nos Correios

Foi intenso nos dois últimos dias o movimento nas agências dos Correios em Sergipe, principalmente na central, em Aracaju, por conta da postagem de cartões e aerogramas com mensagens de Natal e Ano Novo. Os funcionários porém estão tendo que trabalhar dobrado, para pôr em dia as correspondências que atrasaram por causa da greve que atingiu a empresa em vários Estados. (Página 4A)



Na agência central dos Correios, em Aracaju, muita gente deixou para postar suas correspondências de fim de ano na última hora



O governador eleito voltou ontem a cumprir o ritual de distribuir presentes com as crianças carentes

Albano distribui presentes de Natal com os carentes

O governador eleito, Albano Franco (PSDB), cumpriu ontem de manhã, na Igreja São Judas Tadeu, um ritual que repete há três anos: entregou presentes a um grupo de crianças carentes. Estas crianças assistem sempre as missas de domingo ao lado de Albano, sempre que o senador encontra-se em Sergipe.

Como aconteceu no ano passado, as duas empresas em que o governador eleito é acionista - TV Sergipe e Nortista - distribuíram 2 mil cestas de alimentos com as comunidades carentes. As cestas da TV Sergipe foram entregues às comunidades carentes do Bairro Citarde

Nova, para as famílias assistidas pelo Padre Enaldo, na Rua Amazonas (Siqueira Campos) e para o Frei Augusto, na Igreja São Pio Déclmo, para atender os moradores da Palestina e 18 do Forte.

As mil cestas doadas pela Nortista, foram distribuídas entre as Igrejas dos Bairros Terra Dura, São Conrado e Conjunto Augusto Franco. A Refrescos Guarapés, de Pernambuco, a outra empresa controlada pelo senador, também doou as comunidades carentes de Recife, assistidas por Bom Hélder Câmara, 1.500 cestas de alimentos.

HOJE



VEÍCULOS

A Volkswagen pretende produzir em 1995 cerca de 560 mil veículos, 182 mil a mais do que neste ano. Depois da dissolução da Autolatina, a empresa quer consolidar sua liderança no mercado, segundo revela em entrevista ao caderno de Veículos da GAZETA DE SERGIPE o Diretor de Vendas e Marketing da Volks, Lutz Muraca.

GAZETINHA

Informações variadas sobre moda, culinária, vídeo, programação artístico-cultural da capital e o que é destaque na sociedade local, tudo isso você sabe lendo a GAZETINHA, que neste Natal



INFORME GS

Simplicidade

Quem teve a chance de presenciar o ato histórico do acionamento da primeira turbina da Usina Hidrelétrica de Xingó, na última quinta-feira, e não estava ali para fazer média e sim observar alguns detalhes, além do início de construção de Xingó, que emocionou os operários, principais responsáveis pela edificação, percebeu que homens importantes deste país são simples, em sua maioria. O problema são os "assessores". Muita gente comentava a simplicidade de Itamar Franco, do senador Albano Franco, do governador de Sergipe, João Alves Filho, e do ministro das Minas e Energia, Delcídio Gomes. João Alves de tão simples não foi notado pela imprensa do Sul, que noticiou que ele estava ausente da solenidade, apesar das entrevistas que concedeu. João chegou atrasado por culpa da desorganização dos coordenadores da inauguração de Xingó, que trocaram horários, sem aviso prévio para alguns políticos e também procurou atrapalhar a imprensa. João não fez questão de entrar no ônibus presidencial, mas foi "intimado" por Albano Franco para que acompanhasse Itamar Franco e não fez mais resistência. Alguns operários comentavam entre si a simplicidade do presidente, de Albano, João, Delcídio, e outros não acreditavam que ali estava o ministro de Minas e Energia, Delcídio Gomes, um "garotão", sem pompas, apesar do importante cargo que ocupa. Uns dois repórteres se sentiram constrangidos com a simplicidade das autoridades e tiraram os paletós. O tumulto para as entrevistas com Albano Franco, João Alves e o presidente Itamar Franco foi causado pelo excesso de zelo do pessoal da Chef, mas descontados estes contratemplos, fica o marco histórico para Sergipe, Alagoas, o Nordeste e o Brasil. Xingó, já é uma realidade e o Velho Chico (Rio São Francisco), imponente por natureza, dá mais esta riqueza aos brasileiros, sem cobrar coisa alguma, apenas que não o "matem", com a poluição. É sem dúvida um Natal diferente e que todos sejam felizes e que aprendam que a simplicidade será, sempre, uma usina de força, de energia e sabedoria do homem. Não represe esta característica do homem bom e tenha um Feliz Natal.

Salário

Os funcionários da Câmara Municipal de Aracaju estão felizes da vida com o prefeito José Almeida Lima que não repassou os recursos para o pagamento dos salários deste mês. Nesta segunda-feira está prevista mais uma sessão extraordinária na Câmara. Não se sabe se todos os servidores irão trabalhar. Afinal, o prefeito não quer.

Não sabe

José Lopes, PL, ex-presidente da Câmara Municipal de Aracaju, diz que ainda não sabe se disputará a sucessão de Emannel Nascimento, PDT, para a presidência da Câmara.

Presidente

O professor Edivaldo Rosas dos Santos, secretário da diretoria provisória estadual do PMDB, distribuiu um comunicado, através do qual diz que "o diretório estadual do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) para dirimir dúvidas, vem a público informar que em decorrência da renúncia coletiva do antigo diretório estadual de Sergipe, a direção Nacional do partido nomeou uma diretoria provisória, formada por José Carlos Teixeira (presidente); Gerson Vilas Boas (vice-presidente); Edivaldo Rosas dos Santos (secretário); Paulo Germano de Vasconcelos (tesoureiro) e os vogais José Ismael Almeida e os deputados federais Wilson Cunha e Adelson Ribeiro".

Diretórios

Conforme informou o secretário Edivaldo Rosas, o diretório, dentro do tempo que dispõe regimentalmente promoverá as eleições dos diretórios municipais em março, traçará as diretrizes do partido no Estado e promoverá a eleição do novo Diretório Estadual em maio, para participar da eleição do Nascimento em setembro de 95.

Reunião

Edivaldo exibe cópia da ata da reunião extraordinária da Executiva Nacional do PMDB realizada no dia oito de novembro último, na qual foi escolhida a diretoria provisória de Sergipe, a diretoria provisória de Sergipe. Espera o professor que com essa divulgação pública não haja mais dúvidas sobre quem está presidindo o PMDB em Sergipe, a nível regional.

PSB

O ex-deputado estadual Nelson Araújo não tem dúvidas de que o Partido Socialista Brasileiro (PSB) vai se reestruturar em Sergipe, a partir de 95, quando o governador eleito de Pernambuco, Miguel Arraes, terá que deixar a presidência na-

cional para outro companheiro em virtude do cargo executivo que ocupará. Na linha sucessória vêm o prefeito de Maceió, Ronaldo Lessa, e Roberto Amaral. Lessa está impedido de presidir o partido, porque é prefeito e, portanto, caberá a Roberto Amaral presidir-lo.

Grande

Nelson Araújo ainda sonha com o PSB retomando às suas origens e se transformando num grande partido em Sergipe.

PM

Uma das reivindicações do vereador Jorge Araújo, PMDB, ao governador Albano Franco, PSDB, é com respeito a uma melhoria salarial para os policiais militares e integrantes da Polícia Civil. Jorge acha que um Estado que quer ser um pólo de atração turística tem que cuidar bem da sua segurança e começa com bons salários para os que são responsáveis pela tranquilidade dos cidadãos.

Triste

O vereador Sérgio Bezerra, PSDB, responsabiliza o prefeito José Almeida Lima, PDT, pela tristeza dos servidores da Câmara Municipal de Aracaju, que ainda não receberam o salário deste mês. Mesmo faltando alguns dias para o fim de dezembro, Sérgio lembra que sempre foi uma tradição o pagamento dos servidores antes do Natal e Almeida conseguiu quebrá-la.

Reis

O deputado federal Jerônimo Reis, PMN, assegura que não fará oposição sistemática ao governador Albano Franco, PSDB, pois seu compromisso é com os sergipianos, que confiam no seu trabalho e por isso reelegeram ele por mais quatro anos na Câmara Federal.

Feliz

Ulices Andrade, PFL, acha que, apesar de algumas dificuldades, os sergipianos terão um Natal melhor do que em 93, quando o País vivia num clima de incerteza, com a inflação prejudicando a maioria e beneficiando apenas os especuladores.

Fogo

José Franco, prefeito de Nossa Senhora do Socorro, acha que a grande prova de fogo de Fernando Henrique Cardoso, PSDB, será a re-edição constitucional. Ele diz que se não houver uma reforma tributária que contemple os municípios com mais recursos e que permita uma melhor arrecadação sem a instituição de novos impostos ou aumentar os valores dos já existentes, o Plano Real corre sério risco, porque a carga tributária sufoca as empresas e impede a geração de empregos.

GAZETA DE SERGIPE

O JORNAL DE ORLANDO DANTAS

Poupança e investimento

Nilton Pedro da Silva (*)

No Capítulo 16 de sua Teoria Geral, Keynes começa discutindo a importância e o "significado" que ele deseja ressaltar nas opções alternativas da "forma de posse da riqueza", a partir da renda corrente. Senão, vejamos suas ideias a respeito:

Um ato de poupança individual significa, por assim dizer, uma decisão de não gastar hoje, mas não implica, necessariamente, a decisão de gastar ou de comprar um par de sapatos daqui a uma semana ou um ano, ou de consumir uma coisa específica numa data específica. Assim sendo, produz um efeito depressivo sobre as atividades econômicas aplicadas na preparação do jantar de hoje, sem estimular as que preparam algum ato futuro de consumo. Não é uma substituição da demanda de consumo presente por uma demanda de consumo futuro, mas apenas uma diminuição líquida desta demanda. Além disso, a expectativa de consumo futuro está de tal modo baseada no conhecimento do consumo presente que qualquer redução do último provavelmente deprimirá o primeiro, com o resultado de que esse ato de poupança não apenas fará baixar o preço dos bens de consumo, independentemente da eficiência marginal do capital existente, como também poderá enfraquecer esta ditina.

Keynes diz mais: " (...) uma decisão individual de poupar não significa, de fato, emitir um pedido para consumo posterior, mas apenas o cancelamento de um pedido presente". Está, portanto, presente em toda esta especulação o conhecido sofisma de composição, em que o que é verdadeiro do ponto de vista individual nem sempre o é da perspectiva coletiva. Embora o ato de poupança individual possa ser considerada uma atitude positiva - como característica dos agentes do sistema capitalista -, pois é movido pelo desejo de ver aumentada a riqueza individual, da consideração da sociedade em conjunto se afigura "simplesmente um ato de abstenção, de renúncia, de negação, um ato adverso ao aumento da renda". Ou seja, não é, como pensavam clássicos e neoclássicos, "um ato que signifique um aumento na riqueza individual seja acompanhado de um aumento na riqueza social", como lembra Luiz Gonzaga Belluzzo. Somente seria isto verdadeiro se, por uma feliz combinação de decisões de como conservar a riqueza individual fosse alcançado um aumento da produção e o emprego, o que é geralmente improvável, sendo mais comum e provável, justamente, a não ocorrência de tal combinação.

Em resumo, um ato de poupança individual, como renúncia ao consumo presente, não somente deixa indeterminado, e/ou o gasto futuro como, por outro lado, pode significar-se, em geral significa - "um desatendimento ao investimento".

Acredita-se que, na confusão teórica entre capitalismo individual e capitalismo coletivo está a raiz das divergências de Keynes com os seus predecessores, a respeito do financiamento do investimento através da poupança, que é um resíduo de renda, apurado "ex post". O capitalista individual raciocina invariavelmente com a ideia de um rendimento do bem de capital acima do seu custo de uso. A ele não interessa a produtividade social de um bem de capital, mas seu "rendimento enquanto dure". E, um bem de capital, sob o ponto de vista social, será sempre produtivo durante a sua existência útil, embora não se possa afirmar o mesmo com respeito ao rendimento acima do seu custo, para o capitalista individual. Há, portanto, uma nítida incompreensão, por parte dos neoclássicos e dos seus seguidores, aqui e ali, a respeito do assunto, como afirma Luiz Gonzaga Belluzzo.

" (...) A ideia dos neoclássicos de que quando eu renuncio ao consumo presente e opto por um bem de capital eu estou optando pelo consumo futuro é falsa porque se funda na ideia de que a sociedade está fazendo uma opção pelo aumento da produtividade no futuro. Essa ideia confunde duas coisas: ela confunde o caráter social da produção capitalista e o fato de que a sociedade como um todo possa avaliar a mudança na forma da riqueza".

É no sentido das argumentações antes expostas que se pode dizer que, para Keynes a poupança não financia o investimento. Ou, com certa imprecisão, na sintaxe vocabular de Kalecki, "que o investimento é auto-financiável".

A ignorância sobre as determinações do capitalismo, que grassa, com presunção de saber, em muitos meios intelectuais, inclusive o acadêmico especializado, tem conduzido à incompreensão do exato papel da poupança para financiar o investimento. Deve-se entender que a decisão de investir é o que interessa para a dinâmica do capitalismo, sendo a poupança mera expressão residual da renda, que pode, por si só, colocar em risco o desenvolvimento do sistema econômico, promovendo crises.

(*)Nilton Pedro da Silva é economista, advogado e professor titular da UFS. Doutor em economia (área de política econômica) pela UNICAMP-SP, com a tese Estado e a contribuição ao estudo da "modalidade autoritária" do Nordeste brasileiro.

O Ministro Pelé

Edson Arantes do Nascimento tinha tudo para ser um desconhecido, triturado pela luta da sobrevivência, com o criança pobre do interior de Minas Gerais. O futebol deu-lhe vida, fortuna e fama, salvando o seu futuro. Outros tiveram as mesmas oportunidades, gozaram anos de glória e de sucesso, mas desapareceram: vencidos pela celeridade da consagração. E o Edson Arantes do Nascimento nasceu Pelé, personagem dos campos de futebol do mundo, cidadão que virou atleta, encantando com sua arte as platéias dos mais diversos países. O fenômeno Pelé não acabou com o tempo, não foi vencido pela vida útil do jogador, permanecendo como um gênio atemporal, quase mítico, na sobrevivência adaptada que integra o atleta e o cidadão no mesmo caminhar vitorioso.

É comum ouvir-se, sobre Pelé, que ele não tem opinião e que por isto mesmo passa incólume por todos os governos, como uma unanimidade reconhecida. Isto é verdade, mas apenas em parte. Pelé tem passado por um processo de conscientização política lento, mas tem avançado para o melhor lado, na medida em que se identifica com o povo do seu País. Ao jogador não pode se exigir mais que gols, mas ao cidadão é esperado que ele tenha a sensibilidade de entender a realidade e, quando possível, ajudar o seu povo a avançar mais, no sentido

da conquista do bem estar. E certo modo Pelé tem procurado ser, para o Brasil, mais do que um nome afamado, ajudando o País a ter uma boa imagem no cenário internacional. Isto é, sem dúvida, uma postura política.

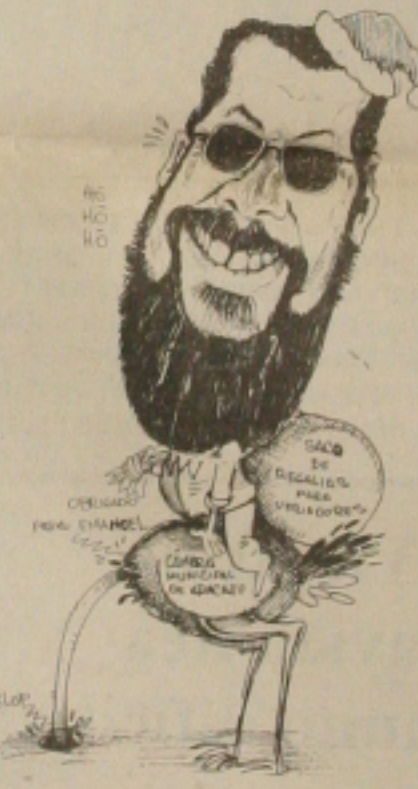
O fato de Pelé ter aceito, pela primeira vez, um posto de destaque na hierarquia do Poder é auspicioso para o Brasil. Ele que já ajudou a seleção brasileira conquistar a copa do mundo, que já ajudou a vender café, já abriu mercado, nos Estados Unidos principalmente, para o futebol, tem novas missões como Ministro Especial. A surpresa da escolha do seu nome, na composição da equipe de governo do presidente Fernando Henrique Cardoso é menos pelo anúncio, e muito mais por ele ter aceito, já que sua vida de homem de negócios, girando pelo mundo, toma parte do seu tempo e lhe dá grande projeção, que nenhum ministro, por melhor e maior que seja, daria. É o caso de dizer-se que Pelé dará mais do que vai receber, em todos os sentidos.

A receptividade ao nome de Pelé foi a melhor possível e não poderia ser diferente. Ele tem sido o melhor das Relações Públicas do Brasil, como embaixador informal, sem pasta, de um País que começa a ganhar respeito e crédito internacional, pela maturidade dos seus atos políticos e pelos méritos de sua arte, sua literatura, sua indústria, seus ho-

mens. A experiência com Eernard e com Zico, que participaram do Governo, certamente ajudaram na decisão do presidente Fernando Henrique Cardoso de convidar Pelé para ser Ministro Especial dos Esportes. Para um País que tem no esporte uma de suas paixões, compreende-se a necessidade dos governantes assumirem compromissos de estímulo e proteção a tais atividades e ninguém melhor que Pelé simboliza o esporte nacional.

O presidente eleito fomentou um ministério bom, com a maioria de nomes conhecidos, testados, experientes e comprometidos com o Brasil de hoje. Pelé estará bem inserido no contexto governamental, e tem uma oportunidade que lhe faltou antes, de demonstrar as suas aptidões para a vida pública, que parece ser um ideal, muitas vezes anunciado. Pelé dá, com o seu nome, um novo alento ao Governo, no campo amplo do desporto e no da colaboração externa, com sua imagem de ídolo da humanidade. Na analogia com o próprio País, que apesar de todas as dificuldades é a 9ª potência do mundo, pelos indicadores da sua economia, Pelé saiu do Brasil para consagrar-se como atleta do século. Tal êxito não decorre do acaso, nem apenas da sorte, mas do bom aproveitamento das oportunidades e do talento, coisas que não faltaram a Pelé, nem ao Brasil.

EDIDELSON



Agnes Marta Pimentel Altmann

Pobreza e Meio Ambiente

Sabidamente, a redução da pobreza e a proteção do meio ambiente constituem atualmente os dois maiores e mais urgentes desafios para os países em desenvolvimento.

Não obstante, apesar da crescente tomada de consciência pelos governos destes países, de que é necessário aliviar a pobreza e proteger o meio ambiente, visando ao crescimento econômico, a dificuldade está exatamente em encontrar uma fórmula que solucione simultaneamente um pacote único de decisões políticas. Economistas especializados em desenvolvimento argumentam que não é possível atacar os dois problemas ao mesmo tempo, porquanto ao se reduzir um tende-se a exacerbar o outro, tendo em vista a relação intrínseca, porém contraditória, entre pobreza e meio ambiente.

Como é possível debelar a pobreza sem exaurir o meio ambiente, e como se poderá evitar a destruição da natureza sem comprometer a sobrevivência dos pobres? Eis o grande dilema enfrentado pelos governos nos países em desenvolvimento, sobretudo diante de uma outra agravante - a não menos estorrecida e complicada problemática explosão demográfica, que tanto contribui para a proliferação da pobreza e degradação ambiental.

Tão complexo, sem dúvida, encontrar meios de conciliar metas a curto prazo contra a pobreza e a preservação do meio ambiente a longo prazo, em prol das gerações futuras, que dependerão da terra tanto quanto depende a presente geração, posto que nem os doadores internacionais nem os governos dos países em desenvolvimento, engatinhando ainda na pré-história da economia tão predatória de quem paupérrimo, se mostram capazes de elaborar uma agenda comum de combate aos dois problemas, a fim de minorar os conflitos entre o que é benéfico para os pobres e o que é benéfico para a natureza.

Desse modo, nem se consegue combater efetivamente a miséria em vista do vertiginoso aumento populacional que transforma a problemática da miséria numa verdadeira bola de neve, tampouco se toma providências para evitar a exaustão do meio ambiente nas áreas, onde a capacidade de sustento da terra é escassa e insuficiente na geração de excedentes, por insuficiência de tecnologias agrícolas.

Dadas as atuais tendências da explosão demográfica nos países subdes-

envolvidos, alguns não obstante detentores de bom potencial para a agricultura, como é o caso do Brasil, mas cujos governos alegam a permanente falta de recursos para intensificar os esforços na criação de novos empregos, fornecimento de infra-estrutura, investimentos, pesquisa agrícola e apoio tecnológico necessários para adaptar técnicas agrícolas modernas, de alto rendimento às condições e circunstâncias regionais, o desafio de combater a miséria e proteção ambiental pelo menos e necessariamente deveria começar pela redução da explosão populacional nos meios ambientes ecologicamente frágeis florestas tropicais, áreas secas e íngremes e favelas das grandes áreas urbanas, mesmo sabendo que os impactos são limitados.

Essa alternativa parece ser a mais viável se se pretende alcançar resultados ainda que mínimos para a dupla problemática da miséria e da proteção ambiental, enquanto não se consegue produzir a revolução na produção agrícola nos países em desenvolvimento, que gere empregos rurais e urbanos para todos, sem exaurir a natureza.

Em que pese quaisquer outras alegações para adiar a solução das problemáticas, o importante seria pelo menos desfazer incompreensões distorcidas da noção do mundo em que vivemos, ao se pensar que a Terra será sempre nossa eterna mãe natureza, em cujo coração cabe mais um destinado a viver nas sarjetas da sociedade rural e urbana, desamparado pela própria natureza, já por si mesmo incapaz de prover sua subsistência.

A constatação do fim da natureza não é uma ficção científica, basta que se leve em conta as atuais mudanças e ameaças ambientais globais.

Agnes Marta Pimentel Altmann - bacharel em Direito Mestrado em Relações Internacionais.

GAZETA DE SERGIPE

FUNDADOR: ORLANDO DANTAS

Diário matutino de propriedade da GAZETA DE SERGIPE S/A.

Fundado em 13 de janeiro de 1956.

- Redação, Administração e

Oficinas: Av. Juscelino Kubitschek,

nº 396 - A (Angra Visconde

de Maracaju)

Telefones: Geral (079) 222-4407 -

Fax (079) 222-4405

REPRESENTANTE

SITRAL - Serviço de Imprensa,

Televisão e Rádio Ltda. Matriz: Rio

de Janeiro - Av. N.º 57, de

Copacabana, 664 - Galeria

Mercal, Bloco A - 6º Andar.

Telefone: (021) 256-2755 e (021)

256-5274. Telex: 212373 e

2136607. Filial: São Paulo Rua

Augusta, 257 - 1º Andar - Conjunto

12. Telefone (011) 257-1255

Telex: 1-25474, Brasília: SCS Ed.

S. Paulo - 4º andar - 5418

Telefone: (061) 223-7366 e

225-6875. Telex:

61-3485. Representantes em:

Belém, São Luiz, Fortaleza, Recife

Salvador, Belo Horizonte, Curitiba

e Porto Alegre

DIRETOR DE REDAÇÃO

Paulo Roberto Dantas Brandão

EDITOR

Diógenes Brayer

Noticiário Nacional Via Agência

Estado

Os artigos assinados são de inteira

responsabilidade de seus autores,

não necessariamente refletindo a

opinião do jornal.

Sérgio condena ação do prefeito Almeida

Em sua segunda legislatura como vereador, o líder tucano Sérgio Bezerra, lamenta que Aracaju esteja sendo administrada pela incompetência e a irresponsabilidade de um prefeito que só sabe encaminhar projetos para prejudicar a população, como o aumento de até dez mil por cento no IPTU e a taxa do lixo. Deste jeito, infelizmente, os aracajuanos vão ter mais dois anos de caos - lamentou Sérgio Bezerra, ressaltando que os vereadores estarão sempre atentos as iniciativas danosas de Almeida Lima.

Para Sérgio Bezerra, não é possível ter um bom relacionamento entre vereadores e prefeito, porque Almeida Lima é intransigente, arrogante e acha que todos devem ser subservientes à sua vontade. Recorda Sérgio Bezerra, que Almeida Lima está marcando seu primeiro ano de administração não só pela incompetência administrativa, mas pela perseguição aos servidores públicos municipais, em especial aos da Câmara, que por diversas vezes parali-

saram suas atividades em protesto ao atraso no pagamento de salário.

Sérgio Bezerra não livra nem a cara do ex-prefeito Jackson Barreto, PDT, que foi o responsável pelo caos na capital sergipana, quando prometeu fazer uma administração próspera, e acovardou, renunciou ao cargo e passou o comando da Prefeitura ao primo Almeida Lima, que demonstra não ter o mínimo de responsabilidade para dirigir uma cidade.

Mas, felizmente, afirma Sérgio Bezerra, os aracajuanos começam a acordar e já mostraram que não merecem mais ser enganados, através das urnas, quando não deram os votos esperados por Jackson Barreto, que foi derrotado nas eleições de 15 de novembro, perdendo o Governo do Estado para o senador Albano Franco. Foi a vitória da seriedade contra a irresponsabilidade e corrupção - afirma Sérgio Bezerra, prometendo fazer uma oposição séria e sempre em defesa dos interesses dos sergipanos.

Jerônimo quer reivindicar mais verbas para Sergipe

Não é o fato de estar num partido que faz oposição ao futuro governador Albano Franco, PSDR, que fará com que o deputado federal Jerônimo Reis, PMN, segundo informou, deixa de trabalhar para Sergipe. Ele garante que está torcendo para que Albano cumpra todo o projeto que prometeu nas eleições, principalmente a geração de cem mil novos empregos.

Caso eu estivesse torcendo para que o Governo Albano desse errado, afirma Jerônimo Reis, estaria sendo um péssimo sergipano, um mau político. Meu trabalho e isso o povo reconhece foi sempre o de ajudar aos conterrâneos, porque é assim que a família Reis trabalha - complementa o parlamentar.

Jerônimo Reis apresentou inúmeras emendas ao Orçamento da União e sua expectativa é no sentido de que todos resultem em recursos para obras nos mais diversos municípios, principalmente de sanea-

mento básico e para construção de escolas.

O deputado do PMN assegura que sua oposição será sempre aos projetos que considerar ruins para o povo. Não farei oposição ao que for bom para meu Estado e serei sempre uma porta-voz dos interesses dos meus conterrâneos, porque compete ao parlamentar federal ser o defensor dos interesses do seu Estado no Congresso Nacional e o Orçamento da União é essencial para o progresso, o porque nele estão recursos que ajudam aos municípios mais carentes.

Quando a ser candidato a prefeito de Lagarto em 96, Jerônimo Reis mantém sua oposição de que ainda não chegou a hora. Eu ainda tenho muito que dá por outros municípios e Lagarto é um sonho que fica para depois, mas isto não significa que não estarei participando da sucessão municipal, apoiando o candidato que for indicado pelo meu grupo político.

Jorge espera que Albano pague melhores salários

Sem desconhecer as dificuldades que enfrenta um governador para pagar ao funcionalismo público e ao mesmo tempo executar obras num período de instabilidade econômica, como estava o Brasil, o vereador Jorge Araújo, PMDB, está otimista com respeito aos quatro próximos anos, uma vez que a expectativa é no sentido de que a estabilização da economia aconteça.

uma atenção especial, os responsáveis pela segurança da sociedade e aí também inclui a Polícia Civil, precisaram de bons salários e constantes cursos de reciclagem.

Também lembra Jorge Araújo que cuidar da segurança dos cidadãos é muito desgastante e talvez aí residam alguns atos impensados, num momento de tensão.

Jorge Araújo é crente num período de pleno desenvolvimento no Estado, com a administração Albano Franco, enfatizando que em algumas áreas Sergipe tem uma boa infraestrutura, como no turismo, o que permitirá ao governador dar seguimento a ações que não foram possíveis na atual administração.

Franco acha que não existe espaço para radicalismo

Para o prefeito de Nossa Senhora do Socorro, José Franco, PMDB, não há mais espaço para a oposição a assegurar que o político que não trabalhar, ficar apenas criticando, sem mostrar seu potencial de legislador estará cavando sua "sepultura política".

Entende José Franco que a fase mais difícil virá, a partir de 95, quando o presidente Fernando Henrique Cardoso, PSDR, terá que promover a revisão constitucional, a fim de que o País tenha uma política tributária justa, que não penalize quem trabalha e privilegie os sonegadores.

Nesta situação, diz José Franco, a classe política será bastante exigida, porque se tentar embarrar a revisão constitucional, como aconte-

ceu este ano, estará colocando em risco o Plano Real, que depende muito destas reformas.

No âmbito estadual, José Franco declara que a oposição vai saber se comportar, porque não usará em desrespeito a voz das urnas, que consagraram Albano Franco, PSDR, governador dos sergipanos.

- Mesmo tendo a maioria na Assembleia, o governador Albano Franco, por seu jeito transigente, vai ouvir a oposição e não se furtará em aproveitar as sugestões que resultem em aperfeiçoamento de projetos, portanto, acredito que quem fizer oposição por oposição não terá futuro político, pois será cobrado pelo povo - disse José Franco.

Entrevista/Ulices Andrade

"Chegou a minha vez"

Deputado estadual reeleito para um segundo mandato, Ulices Andrade se firma no cenário político de Sergipe como o virtual nome para ocupar a Presidência da Assembleia Legislativa. Já assumindo essa pretensão, ele descarta possíveis ameaças à sua consagração para o cargo e garante que nem mesmo um convite para assumir a Secretaria de Serviços Públicos, considerada a mais forte do Governo de Albano Franco, o faria desistir. No PFL desde a sua entrada na política, em 1986, Ulices diz que entrou para a vida pública pela carência de representatividade da sua região - o sertão. Natural de Canhoba, 40 anos, em seu primeiro mandato deixou a Assembleia pela Secretaria de Administração, onde permaneceu por um ano e dois meses.

Em entrevista exclusiva à Gazeta de Sergipe, ele fala de seu trabalho no segundo turno da campanha de Albano Franco, onde participou como coordenador da região sertaneja e conseguiu um excelente resultado, multiplicando os votos de seu candidato em diversos municípios. Ulices fala também de seu relacionamento com o governador eleito e com o atual, depois de alguns arranhões por ter sido preterido em prol do sobrinho da primeira dama, Luciano de Menininha. Na sexta-feira à noite, ele recebeu a reportagem da Gazeta em seu apartamento para a seguinte entrevista:

GS- O senhor hoje é um forte candidato à Presidência da Assembleia. O senhor assume essa pretensão?

Ulices Andrade: Sim. Todo parlamentar tem a pretensão de presidir seu Poder, muito embora todos que fazem parte hoje da Assembleia e os que estão vindo têm capacidade para o cargo. Como membro do partido majoritário e já no segundo mandato, acho que chegou a minha vez.

GS- A sua eleição na presidência da Assembleia está dependendo exatamente de que?

UA: Das composições a serem feitas com os partidos que têm representantes no Poder, para que cada partido participe da direção da Mesa, de acordo com a representação de cada um, incluindo até mesmo os partidos de oposição.

GS- Quais são os riscos do senhor não ser o escolhido?

UA: Eu imagino que serei eleito com facilidade. Primeiro porque tenho a simpatia do governador atual e do governador eleito. Depois, pelo bom convívio que tenho com os deputados reeleitos e com os recém-eleitos, inclusive os de oposição.

GS- Venâncio Fonseca não seria uma ameaça?

UA: Não. A tradição da Casa diz que o presidente deve ser do partido com maior representatividade. Pelo relacionamento estreito que Venâncio tem com o senador, acho que ele seria um excelente líder do Governo da Assembleia.

GS- Já que o presidente deve sair do PFL, por tradição da Casa, por que não um dos outros seis eleitos por este partido?

UA: Também por tradição, a Casa nunca foi presidida por deputado de primeiro mandato. Além de mim, apenas Nicodemos e Reinaldo são reeleitos. Nicodemos já foi presidente no primeiro período dessa legislatura e Reinaldo está presidindo o segundo período. Portanto, o único que tem mais de um mandato no quadro sou eu. Por exclusão, meu nome surgiu como candidato natural ao cargo.

GS- Comenta-se que Reinaldo Moura esteja fazendo uma campanha de bastidores pela reeleição à Presidência. O senhor acredita nessa possibilidade?

UA: Muito embora Reinaldo Moura tenha sido um bom presidente, acho que já fez a parte dele. Não acredito nessa campanha, pois ele próprio já me confessou que não tem essa pretensão. Além do mais, renovar sempre é saudável. Pela minha análise, Reinaldo Moura daria um excelente líder do PFL na Assembleia.

GS- Fala-se que dois deputados do PFL deverão ser convidados a assumir secretarias de Governo para que os suplentes Laércio Miranda e José Arinaldo assumam seus mandatos, segundo compromissos assumidos

por Albano ainda em campanha. Nicodemos Falcão deve ser um deles. Qual o segundo nome que o senhor arriscaria?

UA: Todos seriam capazes, mas levando-se em consideração a experiência na administração municipal, citaria o deputado Antônio Passos, que foi prefeito de Ribeirópolis e diretor do Departamento de Patrimônio do Estado. Por essa linha de raciocínio temos também Eduardo Marques, ex-prefeito de Pinhão.

GS- O senhor abriria mão da Presidência da Assembleia para assumir uma Secretaria de Governo?

UA: Não. Acho que poderei ser mais útil, não só ao Estado como à própria administração de Albano, na Presidência da Assembleia.

GS- Por que?

UA: Uma boa administração depende muito da harmonia entre os Poderes Legislativo e Executivo. Pela minha boa convivência com todos os deputados, tanto da direita como da esquerda, acho que poderia contribuir muito mais.

GS- Segundo comentários dos jornais locais, o único cargo que faria o senhor abrir mão da Presidência da Assembleia, seria a Secretaria de Serviços Públicos. O senhor está mesmo pleiteando o cargo?

UA: O único cargo que eu pleiteio é a Presidência da Assembleia. Estranho que alguns setores da imprensa divulguem essa informação sem qualquer embasamento verídico, porque eu nunca me interessei por Secretaria alguma. A única vez que estive com o senador Albano Franco, depois de eleito governador de Sergipe, ele apenas agradeceu o meu trabalho durante a campanha e eu o comuniquei que tinha a pretensão de disputar a Presidência da Assembleia. Desconfio que esses boatos partem de grupos empresariais e pessoas comprometidas com eles, numa tentativa de me desgastar publicamente.

GS- O senhor é um político ligado ao governador João Alves Filho e agora, pela participação na campanha, ao governador eleito Albano Franco. Como é, hoje, o seu relacionamento com cada um dos dois?

UA: Eu entrei na política ligado ao governador João Alves Filho, com quem mantenho um relacionamento excelente até hoje. Tive a oportunidade de votar em Albano Franco em 1990 para senador e desde então nosso relacionamento tem sido muito bom e estreitou-se ainda mais durante a última campanha. Posso dizer que o meu relacionamento com os dois é excelente e espero que a amizade entre os dois continue, porque são dois homens de fundamental importância para o Estado.

GS- E se não continuar, de que lado o senhor ficaria?

UA: Sei que vai continuar.



Ulices quer ser o presidente da Assembleia.

São duas pessoas inteligentes, que se preocupam com Sergipe e têm a consciência de que unidos poderão desenvolver um trabalho muito melhor para o Estado.

GS- Então pode-se dizer que o senhor é um político privilegiado. Na sua campanha para deputado, o senhor contou com a ajuda, se não dos dois, de qual deles?

UA: Não contei com a ajuda de nenhum dos dois, apenas com a simpatia de ambos. Minha reeleição foi fruto único do meu trabalho. Foram meses a fio dormindo tarde, acordando cedo e passando boa parte do dia pelas estradas, de povoado em povoado conversando com meus amigos sertanejos.

GS- Apesar de muito bem votado no Baixo São Francisco e em outras regiões do Estado, sua base eleitoral é o sertão. O que o senhor fez em seu primeiro mandato para fazer jus a tantos votos?

UA: O governador João Alves é testemunha da minha insistência para que houvesse uma participação maior do Estado na abertura de estradas na região. Cito como exemplo a rodovia que liga Gararu a Porto da Folha. Além disso tive muita interferência junto ao Governo para viabilizar uma série de pequenas obras, como adutoras, barragens, eletrificação de inúmeros povoados, a reabertura de hospitais e postos de saúde em toda aquela região. Praticamente tudo o que eu pleitei o governador executou. Essas obras são prioritárias para a sobrevivência do sertanejo, que é um povo fiel e sabe reconhecer quem trabalha por ele.

GS- O governador João Alves e sua esposa, Maria do Carmo, trabalharam explicitamente pela eleição do sobrinho da primeira dama, Luciano de Menininha. Por ser de Propriá e com a força de seus "padrinhos", ele lhe tirou muitos votos na sua região. Isso, não maculou sua relação com o casal?

UA: Isso não afetou o nosso relacionamento, muito embora todo o Sergipe suspeitasse que eu não seria reeleito, em função da candidatura de Luciano de Menininha. O protecionismo é até justificável, por tratar-se de um familiar, mas o que me deixou de certa forma frustrado é que eu também faço parte do PFL e diante da minha fidelidade, também merecia maior empenho dos dois.

GS- O senhor foi um dos coordenadores da campanha de Albano Franco no segundo turno no sertão. No primeiro, ele perdeu em cinco municípios da região. No segundo, apenas em um - Graccho Cardoso. Em muitos outros, a quantidade de votos de Albano foi multiplicada de um turno para outro. O senhor atribui esse resultado ao seu trabalho.

UA: O trabalho não foi só meu. O que na verdade houve foi um empenho maior das lideranças políticas da região e a minha participação

foi apenas para incentivar, motivar cada uma dessas lideranças. No primeiro turno, com a euforia enganosa de uma vitória fácil, empurrada pelos resultados das pesquisas, houve um certo relaxamento e no segundo turno, quando todos perceberam que poderíamos perder a eleição, houve um maior engajamento de todos. Foi designado para a missão de coordenar a região sertaneja porque sei falar a linguagem do povo de lá, mas reforço, mais uma vez, que o trabalho não foi só meu.

GS- A oposição justifica a derrota garantindo que houve muita compra de votos. O que o senhor tem a dizer sobre essa acusação?

UA: Quem perde, sempre tem uma desculpa para sua derrota. Engana-se quem imagina que na campanha de Jackson Barreto circulou menos dinheiro do que na de Albano. A prova disso é que houve mais lideranças que debandaram do nosso lado para o dele do que o contrário, como os prefeitos de Itabaianinha, Araú e Santa Luzia do Itanhhy, os deputados Carlos Alberto, Diógenes Almeida e José Everaldo, além do vice-governador José Carlos Teixeira, ex-prefeitos e outras lideranças, que deixaram muita suspeição na opção pela traição política. Outro exemplo que costumo dar para desmascarar o argumento incansável de Jackson que era a campanha do "milhão contra o tostão" é que, no final do primeiro turno, enquanto Albano Franco foi agradecer a Deus na Catedral de Aracaju pelos votos que teve, Jackson partiu para Jerusalém.

GS- A vitória de Albano no segundo turno era esperada ou a coligação via a derrota como um desfecho possível?

UA: A derrota não era esperada nem no primeiro turno nem no segundo. O que houve foi um trabalho isolado por parte dos candidatos proporcionais no primeiro turno, o que inesperadamente ocasionou na derrota do senador. Isso aliado à dificuldade que o eleitor menos esclarecido tem com relação à cédula. No segundo turno, com a facilidade da cédula e o trabalho direcionado apenas ao candidato ao Governo, aconteceu o que todos nós já esperávamos desde o primeiro turno.

GS- Por que o senhor acha que Jackson Barreto perdeu a eleição no segundo turno, depois de sair vitorioso no primeiro?

UA: Eu acho que muita gente que votou em Jackson no primeiro turno não esperava, na verdade que ele saísse vitorioso no primeiro turno. Foram votos de eleitores que já consideravam Albano eleito, também se enganando pelos resultados das pesquisas. Quando se percebeu que havia a possibilidade real de Jackson assumir o Governo do Estado, tenho certeza que a população pensou duas vezes, lembrando de suas desastrosas passagens pela administração de Aracaju. Os eleitores perceberam o risco que seria entregar o Estado nas mãos de um demagogo, populista, irresponsável e incompetente. Acho que o eleitor acordou a tempo.

Calçados

Sândalos faz renascer contrato fio-de-bigode

Apesar das desconfianças que povoam o mundo dos negócios, existem empresários que se valem apenas da palavra para fechar um acordo. O contrato de fio-de-bigode, como foi definido por Carlos Brigagão, diretor de marketing da Sândalos, acaba com a frieza dos contratos de papel. Mas a principal vantagem, segundo Brigagão, é criar uma folga de caixa. Os contratos de fio-de-bigode já estão sendo feitos há mais de um mês pela Sândalos com fornecedores de solas de sapato. As empresas que aceitaram esta parceria são: a Modítec (solados) e a Filipele (acabamento de pele).

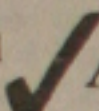
No caso da Sândalos, os contratos são feitos de uma maneira que a empresa não necessite abarrotar o estoque com produtos de fornecedores. Para estes, a vantagem é ter,

como parceiro, uma empresa que compra o produto diariamente e se compromete a pagar em dia.

O revival deste tipo de contrato, promovido pela Sândalos, tem a sua raiz no começo do século. Naquele tempo, os homens de negócio selavam o acordo com um fio de barba. Era uma simbologia para marcar que, ali, estavam dois homens (no sentido mais categórico e machista da definição) que cumpriam sua palavra uma palavra de homem.

Com o passar do tempo as desconfianças começaram a imperar no mundo dos negócios e, a palavra passou a ter menos valor do que um pedaço de papel. A Sândalos busca, com esta iniciativa, recuperar o valor da dignidade expressa na palavra de um empresário.

Economia Internacional


ALBERTO TAMER

Teimar pode ser fatal

São Paulo (ALÔ) - A sorte sorri novamente para Fernando Henrique Cardoso. A crise cambial mexicana explode, dias antes de sua posse, lançando sinais firmes sobre o que o Brasil não deve fazer. Ou melhor, continuar fazendo: super-valorização da sua moeda. O que estamos vendo no México e veremos logo mais na Argentina mostra que a âncora cambial não é a mais segura e confiável das soluções. Provoca um déficit na balança comercial, reduz o custo das importações, estabiliza a moeda, os preços... mas até quando? O México está respondendo a pergunta. Alguns anos, quando muito.

Os economistas no exterior e no Brasil admitem a eficácia imediata do modelo, mas não estão ainda convencidos de sua sustentação. Ele funcionou bem, por exemplo, no México, enquanto as taxas de juros no mercado norte-americano estavam em 2%. A 7%, com tendência de alta para conter as pressões inflacionárias nos Estados Unidos, há uma fuga de capitais voláteis que entraram principalmente via bolsa.

Já havíamos alertado em duas colunas para este problema. Informamos que a elevação dos juros estava tomando mais atraentes investimentos em títulos norte-americanos e outros países da primeira linha. A margem de lucro dos países emergentes reduzia-se, ao mesmo tempo em que aumentavam os riscos. Dissemos também que a super-valorização do real estava provocando um golpe nas exportações. O déficit rondava a balança comercial. O que vemos hoje no México poderá acontecer no Brasil, se a atual política cambial for mantida. Isso sem contar a queda da produção, de emprego e a estagnação tecnológica provocadas pela redução das vendas externas. (Para exportar é preciso ter produto de qualidade, o que exige boa tecnologia.)

Qual é a saída? O México já reencontrou o caminho: desvalorizou a moeda e congelou os preços para conter por algum tempo as pressões inflacionárias provocadas por importações mais caras.

É o receituário clássico. Vai dar certo? Pode, mas ao custo elevado de uma forte redução dos salários de recessão. Por que esperaram tanto? Certamente Salinas sabia o que iria acontecer, mas preferiu correr o risco de adiar a crise para não perder as eleições. Politicamente correto. Economicamente errado. Agora vai ser mais difícil e oneroso. O modelo terá de ser revisto, porque os ajustes não foram feitos no tempo certo.

O recado foi dado para o Brasil. E no momento oportuno. É só corrigir o rumo.

VÃO MUDAR? - A equipe econômica do governo diz que não vai mudar a política cambial. Está sub-valorizando a crise mexicana. A situação brasileira é mais cômoda. Temos grandes reservas, etc etc... Será que ficaram cegos, surdos e mudos? Delfim Netto não acredita nisso. Garante-me que assim que tomar posse, Fernando Henrique Cardoso vai começar a corrigir a taxa cambial. Não precisamos chegar à situação mexicana. É uma questão de bom senso. Haverá pressões sobre os preços? Sim, sem dúvida. Será preciso administrá-la. "Quando a taxa cambial cai, tem pouco efeito sobre os preços. Mas, quando sobe, as repercussões são mais amplas e duradouras", diz Delfim.

LEMBRANDO FUNARO - Não podemos chegar a este ponto, diz ele. E nem precisamos. Não podemos pôr a perder a mais acertada política de ajuste efetuada no país até agora. Começamos a entrar no túnel sem fim com Funaro, estamos começando a sair dele. Não podemos voltar atrás. É engolir o orgulho, bater no peito a "mea culpa" e corrigir. Temos tempo ainda. Mas não muito.

O ALERTA HAVIA SIDO DADO - Hermann Wever, presidente da Siemens do Brasil, lembra nossa coluna "Brasil perde mercado", de apenas algumas semanas. Saiu no último dia oito. Avião de carga chegando cheios e saindo vazios... "O que está acontecendo no México é um alerta aos dirigentes da nossa economia. Se isso persistir, acumularemos perigosamente saldos negativos na balança comercial de 95. "Afinal, no México, foi assim que tudo começou..."

O QUE DIZEM ELLES? - A política cambial não muda, insistem eles. Não uma, nem duas, mas várias vezes. Por que? Sei que não podem anunciar uma decisão dessas, em público, com antecedência. Mas podiam ficar calados. Afinal, a mudança estava prevista na segunda fase do Plano Real. Não há vergonha alguma de recuar. Tem mais: é preciso agora fazer o que sempre dissemos que deve ser feito logo no início do governo: uma política monetária dura, apertada, rígida, implacável, embora impopular.

Ou é isso, ou vai tudo por água abaixo. Por enquanto, está chovendo forte na nascente...

Banco Safra
Tradição Secular de Segurança

Eletroeletrônico

Empresários querem pagar tributos e exigem menos uma política industrial

Com o Plano Real o setor de eletroeletrônicos domésticos cresceu muito. Este ano a indústria faturou sete bilhões e meio de dólares, o que representa 23% a mais do que em 93. O aumento das vendas de televisores e vídeo foi de 42%. Mas isso não contenta os empresários que reclamam dos impostos, do câmbio e da abertura do mercado para os produtos importados e também reivindicam uma política industrial mais agressiva, com medidas de proteção as empresas nacionais.

Eugênio Staub, presidente do Conselho de Administração dos Eletros (Associação Nacional dos Fabricantes de Produtos Eletroeletrônicos), diz que a questão que se coloca é o futuro da indústria e está dentro de um contexto maior. Nestes últimos anos, de um modo em geral, a indústria privada no Brasil se reestruturou fortemente. Houve reengenharia nas empresas, reescalonamento na produção, investimentos marginais no sentido de aumentar principalmente produtividade e qualidade e a indústria se encontra neste momento numa posição de deslanchar-revela.

O momento atual, diz Staub, ele é pouco favorável. O Plano Real trouxe um novo patamar de produção e demanda, um resultado melhor e o industrial brasileiro vive hoje um momento de sonho: perspectivas de crescimento da economia, demanda forte e empresas em condições de investir e falta aquele algo mais para levar os empresários a realizarem investimentos, plantas novas para dar esse salto na produção-disse.

Staub diz que o câmbio é um item importante (os empresários reclamam da desvalorização do dólar em relação ao real), mas antes disso existe a necessidade do governo sinalizar, principalmente Fernando Henrique Cardoso, no sentido de que o governo federal deseja mais produção e investimento e que isso vai ser visto com bons olhos. Mas não é o que está ocorrendo no momento. A situação está um pouco confusa. Quanto ao câmbio em si, certamente a taxa de câmbio com o real valorizado como está é um grande inibidor de investimentos. Tanto para o setor exportador como para o que atende o mercado interno-completou.

Eugênio Staub diz que a abertura da economia nacional estimula a concorrência e é saudável, entretanto, é preciso o governo monitorizar essa abertura, construir uma parceria entre a iniciativa privada e governo, de forma a conquistar mais competitividade e produtividade e é isso que a Eletros pede. A proteção à indústria, diz Eugênio Staub, não está em questão, pois todos os países protegem sua indústria. O que é necessário é calibrar essa proteção, de forma a manter o estímulo ao investimento e geração de empregos, sem gerar deficiência. É um caminho estreito que só pode ser construído com uma forte parceria entre a iniciativa privada e o governo e de um modo geral os industriais estão dispostos a construir esta parceria positiva e sem excesso. Ninguém está procurando um protecionismo excessivo, um fechamento da economia, uma volta atrás. Pelo contrário, se quer prosseguir na abertura e administrá-la, para que ela traga realmente benefícios sociais ao País. É o que quer nosso setor-garante Eugênio Staub.

Ele diz que o governo tem que sinalizar que deseja premiar o bom

empresário, estimular a produção e vê mais empregos. Mas nos últimos meses o empresariado tem sido tão bombardeado por críticas e marginalizado no processo decisório que nós temos dúvidas se realmente se deseja isso. Eu não tenho dúvidas da necessidade da produção e do investimento para o Brasil. Mas seria muito bom isso ser claramente colocado na mesa. Feito isso, é necessário que se determine algumas políticas industriais de caráter geral. E, em seguida, é necessário descer aos problemas setoriais. A política industrial tem duas hierarquias: prática gerais, que é corrigindo a taxa de câmbio e depois a políticas setoriais. E a Câmara Setorial é um excelente fórum para se discutir o problema de cada setor.

Eu tenho grande esperança de que o governo do presidente Fernando Henrique com o seu espírito democrático e desejo de obter progresso social, vai propiciar o novo surto de crescimento da indústria. Sem ineficiência. Pelo contrário, mais competitividade, eficiência e qualidade-sugere Eugênio Staub (POR CLÁUDIO MESSIAS).

Casa própria

Financiamento vai ser facilitado ao mutuário

Júlio Singer, presidente da Associação Brasileira das Entidades de Crédito e Habitação, acredita que o financiamento da casa própria vai ser mais facilitado, com a decisão do Conselho Monetário Nacional de autorizar a criação de Companhias Hipotecárias. O CMN também acena para a criação de cadernetas de poupança com vencimento ao final de três meses e até três anos. As cadernetas com prazos maiores estariam vinculadas a compra da casa própria. A maior dificuldade hoje para quem se candidata a compra de um imóvel é a comprovação da renda mínima. Mas isso começa a mudar com as novas regras para o financiamento do setor, através das Companhias Hipotecárias, que vão ter liberdades para financiar, sem recorrer aos recursos do Sistema Financeiro de Habitação (SFH).

Júlio Singer considera importante a criação da Companhia Hipotecária, que vai ser uma instituição que terá uma condição específica, pois vai captar, através de instrumentos próprios, recursos a longo prazo, para fazer aplicação de financiamento e totalmente descaracterizada do SFH. Singer disse que a Companhia Hipotecária fará uma análise se o comprador tem capacidade de pagamento, isto se falando sobre uma economia estável e a prestação será constante até o final do financiamento e a garantia estará no próprio imóvel. Quando alguém compra um autônomo e fica inadimplente o financiador toma o que financiou-explicou.

O instrumento de captação da Companhia Hipotecária constará de debêntures, de crédito hipotecário,

refinanciamento no mercado interno e externo. Esta Companhia Hipotecária existe na Alemanha e Estados Unidos. O pretendente terá que fazer a sua poupança e o Banco Central já está estudando diversificação na caderneta de poupança, para que tenhamos uma caderneta vinculada, onde o mutuário fará sua poupança gradativa, para facilitar a aquisição do imóvel-disse Júlio Singer.

Os empresários apostam na estabilidade econômica, sem perspectivas de aumentos nas prestações, como ocorre em países desenvolvidos e ainda não sabem quais serão os parâmetros de juros.

A perspectiva de Júlio Singer é de que em meado de 95 as companhias já estejam funcionando e podem existir, logo de início, umas 50 empresas deste tipo (POR CLÁUDIO MESSIAS).

Agricultura

Marquezelli acha que o GATT beneficia produtor do Brasil

Para o deputado federal Nelson Marquezelli, presidente da Comissão de Agricultura da Câmara Federal, a partir da aprovação da participação do Brasil no GATT, se permite aos produtores brasileiros competir no mercado internacional, cujas regras terão que ser obedecidas por todos, sobretudo, com respeito a questão de subsídios. Marquezelli diz que todos os países poderão proteger seus produtores e ninguém poderá mais aumentar os subsídios, o que dá uma garantia aos países subdesenvolvidos.

Com respeito as patentes de produtos estrangeiros, Marquezelli acha que o Brasil pode fazer a proteção do parque industrial nacional e a participação do País no GATT lhe permitirá discutir esta questão com direito a voto e veto, com peso igual dos participantes. Ele destaca que os produtos brasileiros serão protegidos.

Quando as salvaguardas para os produtores rurais brasileiros com respeito à próxima safra, uma vez que está entrando produtos estrangeiros por via do Uruguai, a exemplo

do arroz da Índia e Tailândia, que prejudica os brasileiros, Nelson Marquezelli disse que com a aprovação do GATT, o governo brasileiro pode colocar uma salvaguarda até 55%. Nós sugerimos ao governo uma alíquota de 35% na importação do arroz, para proteger o produtor nacional. Essa é a grande vantagem do GATT: você pode adotar alíquota de importação, para que haja uma proteção do mercado interno. E num acordo internacional isso é fundamental-completou.

Indagado o que significaria o Brasil ficar fora do GATT, Nelson Marquezelli disse que é a mesma coisa de se ter um shopping muito grande, onde existem várias lojas e você por qualquer razão não quer participar desse comércio. É um mercado de 124 países, é um clube quase que fechado, onde o País é um dos fundadores desse clube. Agora, o Brasil vai ter direito a veto e voto. Se ficasse de fora, iria correr na periferia e comercializando só com pequenos países. É fundamental a participação do Brasil-concluiu Nelson Marquezelli (POR CLÁUDIO MESSIAS).

Turismo é estimulado em Vitória

Com praias de beleza cinematográfica, o Espírito Santo está vivendo um "boom" no setor turístico e a expectativa é de que o Estado receba mais de um milhão de visitantes nesta temporada. Algumas imobiliárias já não têm mais casas e nem apartamentos de "temporada" para alugar e muita gente está aproveitando o bom negócio, para reformar residências, alugá-las e tirar uma merecida férias com o dinheiro do aluguel, como é o caso do aposentado Eri Corrêa, que resolveu curtir o sol nordestino e vai alugar sua casa. Isto mostra que o turismo bem estruturado pode gerar riquezas e empregos.

O Espírito Santo tem, além das praias, o Convento da Penha, construído no século XVI pelos padres Jesuítas, a ponte que liga Vila Velha à ilha de Vitória, entre outras belezas a exemplo de Guarapari, Praia da Costa e Marataizes que são disputadas por banhistas de todo o País.

As diárias de hospedagem variam de R\$ 20,00 a R\$ 200,00. O governo acredita que o faturamento ficará na casa de R\$ 150 milhões e o turismo pode sair da quinta para a terceira colocação na economia do Estado. Com isso, o governo quer uma parceria com o Banco Mundial, para melhorar a estrutura turística do Estado e o investimento ficará por volta de R\$ 308 milhões e as obras abrangem a despoluição da Baía de Vitória e o tratamento dos esgotos de todas as cidades litorâneas e devem começar ainda este mês. (POR CLÁUDIO MESSIAS).

Texaco investe em 'sertanejos'

A Texaco será a patrocinadora oficial da temporada de 1995 da dupla Chitãozinho e Xororó. O patrocínio faz parte da campanha publicitária que a distribuidora está lançando para o próximo ano em torno do seu óleo Urso- lubrificante para motores diesel- que tem a assinatura da DM9.

Dentro do contrato, Chitãozinho e Xororó gravarão jingles e comerciais do Urso e ilustrarão out-door e anúncios. Todas as promoções desenvolvidas pela Texaco utilizarão a imagem da dupla.

A opção da Texaco pela mais famosa dupla de música sertaneja para o seu primeiro grande patrocínio musical teve como objetivo reforçar a imagem do Urso, que tem mais de meio século no mercado e que agora vem atingir uma nova geração de caminhoneiros.

VENDA-SE

Uma casa no Conjunto Prisco Viana. Ligar para Lena - Fone: 217-2467
Preço a combinar Horário manhã/noite.